

Ciência médica e política internacional: um circuito de trocas científicas entre a França e o Brasil no período entre-guerras

Magali Romero Sá

Pesquisadora da Casa Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz
magali@fiocruz.br

Larissa Moreira Viana

Professora do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense
lviana@urbi.com.br

Em 7 de setembro de 1922 foi solenemente inaugurada a Exposição Universal do centenário do Brasil, composta de uma seção nacional – localizada entre o antigo Arsenal de Guerra e o novo mercado da cidade do Rio de Janeiro –, e de uma seção internacional. Na Avenida das Nações, que se estendia do antigo Arsenal até o Palácio Monroe, ficaram os palácios de honra das representações estrangeiras, que compreendiam ao todo treze países: Argentina, México, Inglaterra, Estados Unidos, Itália, Portugal, Dinamarca, Suécia, Tchecoslováquia, Bélgica, Noruega Japão e França.

A exposição, como bem apontou a historiadora Marly da Motta [1992], abria ao Brasil a perspectiva de ser “visto de perto” pela comunidade internacional, em um momento chave de rearticulação da política e da economia em escala mundial. Para as nações estrangeiras, pode-se acrescentar, a exposição também oferecia a oportunidade de serem vistas no maior país da América Latina. A França não perdeu esta chance e autorizou gastos superiores a cinco milhões de francos [Tenorio, 1994] para a representação do país na exposição, boa parte deles empregado na construção de uma réplica do *Petit Trianon*, de Versalhes, prédio que foi posteriormente doado aos brasileiros e transformado em sede da Academia Brasileira de Letras.

A missão especial francesa destinada a representar o país na Exposição do centenário da Independência apresentou formalmente as credenciais ao presidente da República, Epitácio Pessoa, em 6 de julho de 1922. A delegação era chefiada pelo Embaixador Alexandre R. Conty, e composta por políticos, médicos e intelectuais¹, indicando que a presença da

¹ Os membros da missão francesa chefiada por A. Conty eram: Geo-Gérard (deputado), René Fonck (deputado), Pierre Janet (médico e professor do Collège de France), Émile Borel (matemático), Maurice Chiray (professor da Faculdade de Medicina de Paris) e Georges Dumas (médico e professor de psicologia).

França no centenário da independência do Brasil ultrapassava os propósitos eminentemente diplomáticos. Tratava-se, também, de uma presença voltada para a criação de formas de intercâmbio no campo das ciências e da cultura, conforme atestado pela fundação do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura em 1923, um ano depois das comemorações do centenário.

Esta comunicação apresenta o contexto da criação desta instituição, que estimulou o surgimento de diferentes modalidades de intercâmbios científicos e culturais entre a França e o Brasil no período entreguerras. Tendo sempre como referência o campo das ciências biomédicas, nossa reflexão sobre as trocas científico-culturais entre os dois países pretende investigar, particularmente, a participação dos pesquisadores brasileiros nos periódicos científicos publicados em língua francesa entre as décadas de 1920 e 1930. Afinal, que usos e significados tais pesquisadores atribuíram a este circuito de trocas? Nosso objetivo principal é demonstrar como os pesquisadores da área biomédica aproveitaram o potencial dos canais de trocas científicas franco-brasileiras como oportunidades consideráveis de divulgação de suas idéias originais em circuitos internacionais.

1) Servindo à “causa francesa”

Civilizar, irradiar e propagar eram alguns dos termos presentes no vocabulário político francês entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A derrota na Guerra franco-prussiana, em 1870, impusera aos franceses a perda dos territórios da Alsácia e da Lorena e o pagamento de uma pesada indenização aos alemães. Além da derrota militar e das perdas territoriais, a França enfrentou naquele momento crises políticas que culminaram em revoltas populares (como a Comuna de Paris, em 1871) e no reavivamento das convicções republicanas, iniciando-se, em 1875, a Terceira República francesa.

Como já observou Arno Mayer, a segunda metade do século dezenove foi rica em lições para as grandes potências determinadas a lutar por supremacia no contexto europeu [Mayer, 1987]. No caso francês, os governos da Terceira República empenharam-se em projetos de educação, indicativos da convicção de que a pretendida condição de supremacia exigia, no plano interno, a elevação dos níveis de educação da população. A

superação da derrota diante dos alemães mobilizou também, em grupos de diferentes tendências políticas, alguma forma de investimento no prestígio intelectual francês no âmbito externo.

Nas primeiras décadas do século XX, particularmente, assistimos à criação de mecanismos específicos de concorrência por áreas de influência francesa na América Latina. Visava-se, então, a formação de alianças científicas e intelectuais que favorecessem o ideal de uma herança comum entre franceses e latino-americanos, permeada pela noção do “gênio latino”². O alvo a ser combatido nessa arena de conflitos não-armados eram os alemães, igualmente empenhados em conquistar áreas de influência intelectual e mercados para suas indústrias na América Latina. [Joll, 1995; Mayer, 1987]

Na década de 1920, cientistas franceses com passagens pela América Latina disseminavam este ideal do gênio latino, ressaltando as razões que deveriam levar os latino-americanos a se aliarem aos franceses, em detrimento dos alemães. O médico francês Émile Brumpt foi um desses divulgadores das vantagens de uma aproximação científica ente a França e a América Latina. Nos meios médico-científicos brasileiros, Brumpt era especialmente conhecido pelos trabalhos sobre a tripanossomíase americana, desenvolvidos e publicados desde 1909. Em 1913 ele esteve pessoalmente no Brasil, convidado pelo governo de São Paulo para criar o curso de parasitologia da Faculdade de Medicina, recém-criada no estado. Durante essa estadia, Brumpt fez viagens científicas ao interior dos estados de São Paulo e Mato Grosso, estudando a leishmaniose americana. Duas outras viagens seguiram-se a essa, com objetivos de pesquisa sobre a leishmaniose silvestre, em 1914, e a divulgação de novo método de imunização do gado contra a piroplasmose, em 1922. (Opinel & Gachelin, 2005)

Na época de sua quarta viagem ao Brasil, em 1924, Brumpt já possuía renome na área da parasitologia, cadeira por ele ministrada na Faculdade de Medicina de Paris desde 1919. Mas em um relatório sobre o Brasil, redigido nesse mesmo ano de 1924, percebe-se que os interesses do parasitologista cederam lugar a um outro tema, à primeira vista menos identificado ao âmbito da ciência experimental. Nesse relatório, Brumpt tratou das relações

² A idéia do suposto “gênio latino” era veiculada, no campo específico das ciências biomédicas, por diversos cientistas franceses que visitaram o Brasil no período entre-guerras. Ver, em particular, os discursos de Marcel Labbé (1921) e Henri Roger (1923), publicados nos *Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1921 /1923.

intelectuais franco-brasileiras, revelando-se profundamente comprometido com as questões que mobilizavam a propaganda estrangeira francesa no período entreguerras. A objetividade do médico evidenciava-se já nas primeiras palavras de Brumpt. Sem rodeios, ele anunciou-se preocupado com o fortalecimento da influência francesa na América Latina e atento aos métodos que deveriam ser empregados para manter o prestígio dos franceses no contexto de disputas internacionais por aliados nesta região. Brumpt reconhecia que os alemães ocupavam antes da guerra um espaço preponderante na América Latina, conquistado por uma paciente propaganda, pelo conhecimento dos mercados regionais e, não menos, pelo valor dos imigrantes germânicos. Reconhecia também, criticamente, que a ofensiva alemã na América Latina não se encerrara com a derrota na Primeira Guerra, em 1918; advertia, nesse sentido, para um metódico “combate” aprofundado pelos alemães no pós-guerra, cujo centro seriam as relações científicas e intelectuais germano-americanas.

Em contrapartida, de acordo com Brumpt, os franceses deviam valer-se da origem latina que os aproximava dos brasileiros. Para conservar e expandir o território de influência francesa na América, sobretudo diante das ofensivas dos alemães e também dos norte-americanos, ele julgava ser necessária uma ação coordenada e constante no plano intelectual. Tal ação deveria fundar-se sobre diversas iniciativas: envio de conferencistas, fundação de centros intelectuais de intercâmbio franco-brasileiro, envio de missões de estudos aos dois países, entre outras atividades destinadas à produção e difusão de trabalhos científicos brasileiros e franceses. Brumpt assegurava que, pelas “razões do sentimento e pelo conhecimento da língua francesa”, os brasileiros desejavam a presença dos professores franceses. Aliás, era sobre os professores e pesquisadores engajados nas missões de intercâmbio que repousava a maior parte das expectativas de sucesso da ação intelectual francesa nesse contexto. Nas palavras do eminente parasitologista:

“Nous sommes convaincu que, grace á la bonne volonté de ses chargés de mission, avec un peu plus de gratitude pour ceux qu’elle envoie à l’étranger, la France pourra faire plus que [les États-Unis] avec son or et sa formidable population et que l’Allemagne avec ténacité et son génie de pénétration pacifique ou brutal.” (Brumpt, 1924).

De fato, as ações político-culturais dos franceses na América Latina nas primeiras décadas do século XX foram profundamente marcadas pelas rivalidades e disputas políticas internacionais, como advertira E. Brumpt. Deve-se acrescentar aqui que tais relações também deveram muito às articulações entre o Estado e os intelectuais/cientistas, atores centrais da institucionalização de uma política cultural voltada para o continente sul-americano. Como já proposto por Jean François Sirinelli (1998), ao final do século XIX assistimos ao aparecimento dos intelectuais como figuras mais presentes na cena política francesa, e, portanto, com maior peso no plano cívico. Nesse contexto, intelectuais e cientistas notórios eram chamados a colaborar com o Estado ou recebiam deste último o apoio desejável para o sucesso de seus empreendimentos. Assim, política e cultura, ciência e Estado, imbricavam-se para criar e tornar operativos os órgãos e ações destinados a ampliar o campo de influência francesa na América Latina.

Que órgãos e ações seriam estes? Em 1908 foi criado em Paris o *Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les relations avec l'Amérique Latine*, dedicado ao estreitamento das relações científicas entre as duas regiões através de programas de intercâmbio de cientistas e da colaboração entre universidades francesas e sul-americanas. A idéia de criar o *Groupement* partiu do professor Henry Le Chatelier, do *Collège de France*, que conseguiu a adesão de muitos colegas de ofício dedicados ao ensino superior na França. Dentre os membros desta associação privada destacou-se desde o início a atuação de George Dumas, psicólogo e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Sorbonne, considerado por vários contemporâneos e historiadores como a peça-chave das ações de política cultural francesa no Brasil e em outras partes da América Latina. Entre 1920 e 1938, Dumas efetuou nada menos que dezessete missões na América Latina no âmbito das ações do *Groupement*, fundando inúmeras instituições de intercâmbio que mobilizavam professores, cientistas, diplomatas e entusiastas da cultura francesa em geral.

Na esteira do *Groupement*, foi fundado em 1909, sob a presidência do historiador e diplomata Gabriel Hanotaux, o *Comité France-Amérique*, que nas palavras deste primeiro dirigente visava “revelar a América à França e a França ao americanos” (apud Martinière, 1982). O *Comité*, sediado em Paris, constituía assim um espaço de encontros sociais no qual as elites latino-americanas eram convidadas a fazer discursos e a encontrar

personalidades do meio político e universitário. Como bem adverte Hugo Suppo, as agências de difusão da cultura francesa eram organizações particulares, porém subvencionadas e apoiadas pelo Estado, então interessado em regular de perto as ações destinadas a fomentar a influência francesa no exterior. Assim, agências como o *Groupement* e o *Comité France-Amérique* funcionavam sob o crivo do *Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger*, órgão criado em 1920 no âmbito do Ministério dos Assuntos Estrangeiros francês, com o objetivo de conferir certa unidade à propaganda no exterior no período entre-guerras. (Suppo, 2000, pp. 317-320).

As ações do *Groupement* no Brasil, notadamente aquelas voltadas para a organização da vinda de professores contratados ou da passagem de conferencistas franceses por nossas instituições de ensino e pesquisa, já foram analisadas por diferentes autores. Guy Martinière, em trabalho de 1982, buscou determinar as principais linhas de atuação do *rayonnement*³ cultural francês na América Latina, compreendido por este autor como um mecanismo “para recuperar à França o lugar de potência e colocar a América Latina no curso das novas explorações colonialistas”. A atividade do *Groupement*, completada e sustentada pelo dinamismo do *Comité France-Amérique*, constituía o elemento de base da cooperação universitária entre a França e o Brasil, de acordo com Martinière. Para este autor, deve-se notar, as trocas dominantes neste âmbito envolviam especialistas em literatura e humanidades, em detrimento da pesquisa científica experimental nas áreas exatas e biológicas. (Martinière, 1982, pp. 58-60)

Hugo Suppo, autor de um trabalho de fôlego sobre a política cultural francesa no Brasil entre os anos de 1920 e 1950, aproxima-se desta visão proposta por Martinière ao mostrar que o maior empenho das missões franceses no Brasil esteve voltado para a criação dos liceus franco-brasileiros e para as atividades universitárias, nomeadamente nos campos de Ciências Humanas e Letras. Os professores-embaixadores_ denominação usada por Suppo para qualificar os franceses em missão no Brasil_ seriam agentes de uma política que visava a “conquista de almas e consciências”, e evitava invocar interesses econômicos diretos. Assim, a política cultural francesa apoiava-se em tais professores, que assumiram tarefas extra-universitárias para difundir o ideal de francofilia entre políticos, elites e intelectuais brasileiros, configurando, de acordo com Suppo, uma guerra por

³ *Rayonnement* aqui significa prestígio, influência que se propaga ou se difunde como a luz.

influência cujo objetivo último era fazer o país tomar uma posição ativa em favor da França⁴. (Suppo, 2000, vol. 2, cap. 2).

As relações científicas franco-brasileiras também foram analisadas por Patrick Petitjean, que destacou vários marcos importantes para a compreensão das trocas de conhecimento no âmbito internacional nas primeiras décadas do século XX: o crescente nacionalismo científico após a década de 1870, que reforçava a idéia da ciência como personificação da nação; os conflitos entre as nações européias, traduzidos por uma convocação da ciência para fins de propaganda; a utilização das atividades científicas para demarcar territórios e zonas de influência, além de criar redes de amigos com a expectativa de contar com eles por ocasião de conflitos futuros. Para Petitjean, operava-se uma lenta mudança no contexto de pesquisa e ensino na França neste período, uma vez que o sistema universitário voltado expressivamente para as atividades de ensino testemunhava a formação, sobretudo a partir década de 1920, de institutos independentes de pesquisa aplicada que prefiguraram o *Centre National de la Recherche Scientifique*.

O quadro predominante no âmbito das atividades ligadas ao *Groupement* no Brasil permanecia sendo, entretanto, a orientação ligada à difusão da cultura universitária francesa, então menos afeita aos laboratórios e às pesquisas experimentais, de acordo com Petitjean. Mas para alguns cientistas brasileiros, a demanda pelas trocas com a França apoiava-se em uma visão de cooperação, na qual o Brasil teria também uma oferta de ciência para os países europeus. Petitjean então notou, sem aprofundar-se na temática, o estabelecimento de vínculos diretos entre cientistas franceses e brasileiros, particularmente nos domínios da psicologia, fisiologia, biofísica, matemáticas e biologia. (Petitjean, 1996, pp. 106-119)

Em nossa pesquisa, observamos que franceses e brasileiros de fato investiram no estreitamento de laços de cooperação científica que ultrapassaram as atividades do *Groupement* no período entre-guerras. Analisando especificamente a participação brasileira em periódicos ligados à medicina e à biologia, editados na França, notamos que nossos cientistas buscaram legitimar e divulgar suas pesquisas através destes canais de

⁴ Hugo Suppo nota que a organização político-intelectual conhecida como *Action Française*, de tendência anti-republicana, católica e anti-semita, controlava o *Groupement* no período pós-primeira guerra, recuperando fortemente o ideal de latinidade ao pregar a união cultural dos chamados povos latinos. Ver Suppo, 2000.

intercâmbio. A contribuição original deste trabalho para o debate historiográfico sobre o tema é considerar o uso estratégico que os cientistas brasileiros das áreas de biologia e medicina vislumbraram na rotina de trocas científicas com a França. Usamos aqui a noção de estratégia tal como definida por Michel de Certeau: um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio (Certeau, 1994, p.100). Ora, os pesquisadores brasileiros que produziam ciência original não dispensaram as oportunidades de publicar notícias de suas pesquisas (um tipo específico de saber) em periódicos internacionais que lhes propiciavam, entre outras vantagens, condições de visibilidade, concorrência ou cooperação científica com outros pesquisadores e instituições (conquistar para si um lugar próprio). É oportuno, portanto, determinar alguns traços específicos destas publicações, verificando assim os mecanismos de divulgação de trabalhos científicos que vinculavam pesquisadores franceses e brasileiros no período entre-guerras, particularmente.

2) Publicação científica e intercâmbio

As décadas de 1910 e 1920 foram marcadas por uma efervescente reafirmação dos sentimentos cívicos nos meios políticos e intelectuais brasileiros. Este apostolado do patriotismo, abraçado por certos setores de nossa intelectualidade, seria, segundo Lúcia Guimarães, um reflexo da Primeira Guerra Mundial. O conflito europeu havia sido percebido por alguns intelectuais brasileiros como indício da necessidade de desenvolvimento de uma política de maior união latino-americana, na qual caberia ao Brasil um papel de liderança na organização de relações em âmbito continental (Guimarães, 1997).

Ora, os europeus, e particularmente os franceses que saíram da guerra vitoriosos, também enxergaram esse momento como uma boa oportunidade para reforçar seu prestígio e influência junto aos brasileiros e latino-americanos⁵. Em 1922, em meio às comemorações pelo centenário da Independência do Brasil, desembarcou no Rio de Janeiro uma parte da comitiva francesa chefiada pelo Embaixador Alexandre Conty, investido,

⁵ Duas importantes missões francesas estiveram no Brasil nas primeiras décadas do século XX, atestando o interesse francês em manter sua influência e prestígio entre os brasileiros nos domínios da medicina e do ensino militar. A missão Pasteur (1901-1905) trouxe bacteriologistas do renomado Instituto francês ao Rio de Janeiro, com a incumbência de estudar a febre amarela. Já a Missão militar (1918-1940) dirigia-se prioritariamente ao ensino militar, através do envio de oficiais franceses experientes para treinar membros do Exército brasileiro.

segundo notícia publicada no *Jornal Commercio* de 1º de setembro de 1922, do “caráter de embaixador extraordinário em missão especial”. Junto a ele, como parte da missão, encontravam-se os Professores Pierre Janet (médico especializado em psicologia e professor do Collège de France), Maurice Chiray (professor da Faculdade Medicina de Paris) e Georges Dumas, entre outros. Merece destaque especial a presença de G. Dumas nesta comitiva por ser ele, como já afirmamos, o principal articulador dos esforços de divulgação da cultura francesa no Brasil nas décadas de 1920 e 1930.

Não era a primeira vez que o médico, psicólogo e homem de letras visitava o país, mas esta estadia foi especialmente significativa sob o ponto de vista das iniciativas formais de aproximação entre a França e o Brasil no período pós Primeira Guerra. Nesta ocasião, teve origem o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, concebido em setembro de 1922 durante uma reunião entre Dumas e intelectuais brasileiros na casa do Conde Affonso Celso, homem da política e das letras especialmente dedicado, nessa época, a promover uma visão positiva do Brasil no circuito latino-americano. Júlio Afrânio Peixoto – médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio Janeiro, escritor e homem envolvido com os negócios da política – também foi apontado por Hugo Suppo como um dos articuladores centrais do Instituto naquele momento.

Um relatório sobre a ação do *Groupement* relativo aos anos de 1921 e 1922, publicado na revista dessa instituição, noticiou destacadamente a reunião na casa do Conde Affonso Celso. De acordo com o relatório, o próprio Dumas teria pedido ao Conde para reunir “alguns altos representantes da cultura brasileira”. O “sucesso” do encontro, ainda segundo o relatório, residiu em lançar as bases do futuro Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura (Martinenche, 1924), cuja fundação recebeu a chancela do governo brasileiro através do decreto presidencial n. 4.634, expedido pelo Presidente Arthur Bernardes, em 8 janeiro de 1923. O decreto concedia uma subvenção especial no valor de cinquenta mil réis anuais (50:000 \$) para a Universidade do Rio de Janeiro, com a finalidade de fundar e manter o referido Instituto, organizado com o apoio da Universidade de Paris. De acordo com o decreto, o Instituto seria administrado pelo Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, encarregado de estabelecer anualmente o programa de cursos e palestras ali ministrados entre os meses de julho e novembro. Informava ainda que tais cursos seriam proferidos por docentes da Universidade de Paris “de reconhecida competência”, e teriam

um “caráter de pura especialização”, não devendo se assemelhar aos cursos gerais da Universidade do Rio de Janeiro (Decreto 4. 634 de 8 de janeiro de 1923).⁶

Assim, observa-se que o governo brasileiro reconhecia e apoiava financeiramente a fundação do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, destinado a viabilizar o intercâmbio entre conferencistas brasileiros e franceses, e a cuidar especificamente da presença e das atividades de pesquisadores dos dois países durante suas missões⁷ (Suppo, 2000; Pettitjean, 1996). O Instituto passou então⁸ a integrar formalmente os quadros da Universidade do Rio de Janeiro, ao lado das Escolas e Faculdades que a formavam.

Além do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, houve outras iniciativas francesas no sentido de criar canais de intercâmbio especificamente no domínio das ciências biomédicas. Um destes canais era uma renomada instuição francesa, a Sociedade de Biologia. A *Société de Biologie*, fundada em 1848 e sedida em Paris, publicava seus *Comptes rendus hebdomadaires des séances...*⁹ desde 1849. A publicação destinava-se a divulgar os trabalhos produzidos pelos membros da *Société* e também aqueles apresentados pelos membros de suas filiais, com sede em outras cidades francesas e estrangeiras. Nota-se, a partir da década de 1920, um progressivo interesse da *Société* em aproximar-se da América Latina. Nesse movimento, criou-se em 1923, nas dependências do Instituto Oswaldo Cruz, a Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro, filiada à *Société* francesa. Neste mesmo ano, os resumos dos trabalhos apresentados pelos pesquisadores brasileiros nas reuniões ocorridas no Rio de Janeiro passaram a ser publicados nos *Compte rendus ...*, dando início a uma intensa rotina de trocas científicas entre a França e o Brasil¹⁰.

⁶ O texto integral do decreto 4.634 de 8 de janeiro de 1923 encontra-se disponível em www.senado.gov.br/legislacao, consultado em maio de 2009.

⁷ De acordo com Hugo Suppo, entre 1923 e a Segunda Guerra Mundial o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura fez vir ao Brasil cerca de quarenta professores franceses e enviou à França algo em torno de trinta professores brasileiros. (Suppo, 2000)

⁸ No Arquivo Nacional, foi localizado um esboço para o decreto sobre a mudança de denominação do Departamento Nacional de Saúde Pública. Nesse documento, de 1932, o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura é indicado como órgão integrante da Universidade do Rio de Janeiro. Ver Arquivo Nacional, Gabinete Civil da Presidência, Série Educação e Saúde, Lata 33, 1932.

⁹ Tratava-se de uma publicação anual, contendo os resumos, em francês, dos trabalhos científicos apresentados nas sessões de todas as filiais da *Société*.

¹⁰ Em 1930 a Sociedade de Biologia de São Paulo passou a enviar resumos de trabalhos apresentados em suas reuniões para serem publicados nos *Compte rendus*.

Assim, em 1923, quando a Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro passou a figurar entre as filiadas à sede francesa, uma outra Sociedade sediada em Buenos Aires já contava entre as parceiras latino-americanas da *Société*. Em 1928, as Sociedades do México e de Montevideu passaram a integrar o conjunto das filiais latino-americanas; em 1932, a Sociedade Chilena de Biologia também ingressou neste grupo, perfazendo um total de cinco países latino-americanos agregados à *Société* no período entre-guerras¹¹. É oportuno observar que o ideal de propagação da influência científico-cultural francesa sobre países estrangeiros também estava presente entre os pressupostos da *Société*. No relatório de uma sessão ocorrida no dia primeiro de maio de 1926, na sede parisiense, encontramos uma menção ao papel que os franceses atribuíam à publicação dos *Compte rendus* :

“entre as coisas mais preciosas que pertencem ao patrimônio do nosso país está a nossa língua, que difundiu ao mundo idéias de civilização, liberdade, ciência e progresso. Nosso Boletim deve irradiar a língua francesa, e não uma língua internacional...”(Comptes rendus, tomo 95, 1926).

Como ocorrera, então, a aproximação entre os pesquisadores brasileiros e franceses para que se criasse uma filial da *Société* no Rio de Janeiro, funcionando nas dependências do Instituto Oswaldo Cruz? A julgar pelo conteúdo de uma interessante carta trocada entre os irmãos Ozório de Almeida a este respeito, deve-se notar que tais aproximações se faziam através de um protocolo simples, mas rigorosamente determinado pela “sociedade mãe” francesa. A correspondência foi enviada por Álvaro Ozório de Almeida ao irmão Miguel em janeiro de 1924, com o objetivo de relatar a este último, que se encontrava em Paris, o teor de uma carta enviada a ambos pelo Secretário Geral da *Société de Biologie*, A. Pettit.

Álvaro era médico fisiologista, e lecionava esta cátedra na Universidade do Rio de Janeiro; seu irmão, Miguel Ozório de Almeida, era também fisiologista e, à época, docente desta especialidade na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária. Na carta enviada ao irmão, Álvaro transcreveu integralmente as palavras de A. Pettit, que se dirigia a ambos para informá-los sobre alguns pontos do regulamento da *Société* “ignorados” pelos cientistas brasileiros:

¹¹ Entre 1923 e 1940, as Sociedades de Biologia filiadas à *Société* francesa eram as seguintes: Bordeaux, Marseille, Nancy, Petrogard, Lille, Barcelone, Strasbourg, Lyon, Buenos Aires, Athènes, Belgrade, Roumaine, Portugaise, Belge, Danoise, Espagnole, Brésilienne, Polonaise, Suède, Lettonie, Alger, Montevideu, Montreal, Chilienne, Méxicaine, Tchecoslovaque e Franco-japonaise.

“...permettez moi de vous faire remarquer que vous envoyez directement une note à la Société mère et non point à la Société dont vous ressortissez. La Société de Biologie regrette vraiment cette pratique”. (Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz, Coleção Miguel Ozório de Almeida, Série Correspondência diversa, pasta 7)

Assim, o Secretário francês observava a inadequada prática de enviar resumos de trabalhos apresentados nas filiais da *Société* diretamente para Paris, como haviam feito os irmãos Ozório de Almeida. Ressaltava que a *Société de Biologie* “ressentia-se” desta prática e convidava formalmente os autores a dirigirem-se primeiro à Sociedade regional, de modo a cumprir os regulamentos aprovados com unanimidade pelo conjunto das filiais. Permitindo-nos conhecer um pouco mais este regulamento, Pettit informava ainda que cada nota enviada para publicação não devia exceder duas páginas, e observava que um mesmo assunto não deveria ser apresentado em mais de uma nota de pesquisa.

Álvaro Ozório, após transcrever esta carta ao irmão, dizia-se indignado com a “sans façon” do Sr. Pettit ao dirigir-se a eles e enumerava os aspectos que o desagradavam: dizia não ter obrigação de conhecer o regulamento interno da revista e notava o quanto era penoso ir a Manguinhos apresentar um trabalho, quando seria supostamente mais fácil enviá-lo diretamente à Paris. Álvaro pedia então a Miguel que aproveitasse a estadia em Paris para persuadir o amigo o fisiologista Émile Gley, membro ilustre da *Société*, a considerar uma proposta alternativa ao “monopólio de Manguinhos”. A idéia de Álvaro, na época presidente da Seção de Biologia da Academia Brasileira de Ciências, era tornar a Academia _ “mais ativa que qualquer outra”, dizia ele_, filiada à *Société* de Paris. Para além das divergências nutridas em relação ao Instituto Oswaldo Cruz, a proposta de Álvaro apontava para um dado significativo: não se pode perder a facilidade de publicar nos *Comptes rendus de la Société de Biologie de Paris*, afirmava ele enfaticamente¹². (Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz, Coleção Miguel Ozório de Almeida, Série Correspondência diversa, pasta 7)

Esta afirmativa apóia nossa hipótese inicial, na medida em que Álvaro Ozório demonstrava valorizar a oportunidade de publicar trabalhos em um periódico internacional

¹² Os argumentos de Miguel Ozório de Almeida no encaminhamento desta questão entre os franceses foram certamente mais flexíveis que os de seu irmão Álvaro. Em 1926, além de a sede regional da *Société* permanecer no Instituto Oswaldo Cruz, passou a constar no expediente dos *Comptes rendus* a relação dos “membros correspondentes estrangeiros do Brasil”, então formada por Vital Brazil, Carlos Chagas, Álvaro Ozório de Almeida e Miguel Ozório de Almeida.

e prestigiado. Assim, parecia haver de fato um uso estratégico, por parte dos cientistas brasileiros, na rotina de intercâmbios com a França. Ao recuperar a participação brasileira nos *Comptes rendus* no período entre-guerras, de 1923 a 1939, encontramos um total de 625 resumos de pesquisa publicados, perfazendo uma média anual de 36,76 trabalhos brasileiros divulgados neste periódico. Se em 1923 apenas seis trabalhos foram enviados por nossos pesquisadores à França, no ano de 1930, em contrapartida, os brasileiros tiveram nada menos que sessenta e quatro resumos publicados nos *Compte rendus*. Esta significativa participação nos parece ser indício seguro de que, na campo das ciências biomédicas, as oportunidades de intercâmbio científico franco-brasileiro eram valorizadas como oportunidades de divulgação, em âmbito internacional, da ciência produzida aqui. (*Comptes rendus ... de la Société de Biologie et ses Filiales, 1923-1939*)

Em 1930, um outro periódico criado por iniciativa de editores e médicos franceses chegava à América Latina. Tratava-se da *Revue Sud-Américaine de Médecine et de Chirurgie*, que circulou em edições mensais entre os anos de 1930 e 1934. No primeiro número deste periódico já figuravam os conselhos científicos dos países convidados a escrever para a revista¹³ ; o Brasil fazia-se representar por vinte e seis conselheiros, majoritariamente professores das faculdades de medicina do país. Também neste primeiro número da revista encontra-se uma carta-prefácio, assinada por professores da Faculdade de Medicina de Paris, do Instituto Pasteur, do Collège de France e da Faculdade de Medicina de Strasbourg. Havia ainda um signatário que representava a Faculdade de Letras da Universidade de Paris, o Professor Georges Dumas, nosso conhecido articulador das relações franco-brasileiras no campo das ciências. O conteúdo desta carta-prefácio permite-nos conhecer alguns traços gerais do projeto editorial, na medida em que os professores franceses afirmavam, logo de início, que não seriam chamados a colaborar naquela revista, “pois a originalidade da publicação é ser redigida fora da França”, embora fosse publicada integralmente em língua francesa. Os benefícios da revista seriam sentidos dos dois lados do Atlântico, ainda segundo os prefaciadores : os “médicos, cirurgiões e biólogos” latino-americanos nela encontrariam a oportunidade de “unir seus pensamentos” ao tomar conhecimento das pesquisas feitas por seus vizinhos. Os franceses,

¹³ Além do Brasil, havia os conselhos científicos da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

em contrapartida, ganhariam a oportunidade de melhor conhecer os trabalhos originais dos médicos e biólogos latino-americanos, reunidos em uma única publicação.

Outro aspecto destacado pelos autores da carta-prefácio era a presença de um traço comum entre franceses e latino-americanos, por serem, uns e outros, “herdeiros do gênio latino”. Reavivar e manter uma suposta tradição comum, latina, era então um dos princípios que guiavam a publicação da revista e orientavam o espírito de troca científica concebido por seus editores e colaboradores. Uma análise inicial dos aspectos formais desta publicação permite ir ainda um pouco mais longe na consideração dos modos de intercâmbio ali realizados. Ao longo dos cinco anos de duração da publicação manteve-se no cargo de Secretário-Geral o Sr. M. J. Coelho, a quem deviam ser enviados os trabalhos originais, depois traduzidos para a língua francesa. A seção principal da revista, intitulada *Travaux originaux*, destacava estes trabalhos organizando-os, a cada número, pelo país de origem dos autores. Em Paris, trabalhando ao lado do Secretário-geral, havia uma equipe de redatores franceses encarregados de organizar as demais seções fixas da revista, totalmente voltadas para a divulgação de periódicos, teses e livros produzidos na América Latina. Havia ainda uma seção denominada *Analyses*, na qual os referidos redatores franceses resumiam artigos publicados em diferentes revistas médicas sul-americanas. Embora não se explicitasse na revista a existência de uma instituição ou empresa particularmente envolvida no financiamento da publicação, a propaganda exclusiva de medicamentos produzidos por laboratórios franceses permite supor com segurança que a revista não se sustentava apenas por sua venda avulsa (ao preço de dez francos) ou pelas assinaturas anuais, variando entre cem e cento e vinte francos.

Tratava-se, sem dúvida, de um expressivo canal de divulgação para os cientistas latino-americanos no âmbito das ciências biomédicas. Os pesquisadores brasileiros, mais uma vez, aproveitaram com afinco a oportunidade de ali publicar seus trabalhos: encontramos um total de 255 artigos enviados do Brasil para a França e aceitos para publicação ao longo dos cinco anos de duração da revista. Em 1930 deu-se o auge da contribuição brasileira, com setenta e cinco artigos publicados; já em 1934, certamente testemunhando as dificuldades de sobrevivência da publicação, que se encerraria naquele ano, observamos um total de trinta trabalhos brasileiros publicados na *Revue Sud-Américaine*. (Revue Sud-Américaine de médecine..., 1930-1934)

Como avaliar, ainda que preliminarmente, o caráter das modalidades de troca científica empreendidas pelas duas publicações aqui privilegiadas? Pensamos que os pesquisadores franceses, ao estimularem a criação de filiais da *Société de Biologie* na América Latina, ou ao lançarem uma revista médico-cirúrgica especificamente dedicada à produção científica desta região, estavam contribuindo, a seu modo, com um ideal bastante difundido naquele momento: conquistar aliados no disputado cenário de concorrência por nichos de influência sócio-política e internacional. No campo específico das ciências biomédicas, reforçava-se o discurso da cooperação e, sobretudo, a noção de que os franceses tinham algo a aprender com os latino-americanos e desejavam conhecer sua produção científica. A língua francesa tornava-se assim uma moeda de troca altamente valorizada no circuito científico de aproximação entre franceses e latino-americanos; valorizava-se, igualmente, a memória de um “gênio latino” em comum a aproximar tais povos, apesar das distâncias geográficas que os separavam.

Uma avaliação superficial desta estratégia de irradiação científica e cultural francesa no período entre-guerras poderia nos levar a qualificá-la como cooptadora. Entendemos, entretanto, que tal processo de irradiação (*rayonnement*, em francês, era um termo bastante usado naquele contexto) era concebido como uma via de mão dupla, atendendo aos propósitos dos franceses e dos brasileiros, que aqui nos interessam em particular. Para nossos pesquisadores da área biomédica, portanto, os canais de troca era percebidos e aproveitados como oportunidades consideráveis de divulgação de suas idéias originais em circuitos internacionais.

Bibliografia e fontes

ALMEIDA Miguel Ozório, “La collaboration scientifique entre la France et le Brésil”, *Cahiers de politique étrangère*, Paris, Institut des Études Américains, 1937.

ARQUIVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ, Coleção Miguel Ozório de Almeida, Série Correspondência diversa, pastas 1-11.

ARCHIVES NATIONALES, Ministère des Affaires Etrangères, Direction des Affaires politiques et commerciales, Correspondência de Affonso Celso a Monsieur Conty, 1/2/1926.

_____, Ministère des Affaires Etrangères, Direction des Affaires politiques et commerciales, Correspondência de B.F. Ramiz Galvão a Paul Appell.

BRUMPT E., *Rapport concernant les relations intellectuelles Franco-Brésiliennes*, Conférence à Rio de Janeiro, 1924, mimeo.

CAVALCANTI Tito, “Miguel Ozório de Almeida, 1890-1953”, *Revista Brasileira de Biologia*, Rio de Janeiro, vol. 14, 1954, pp. 1-24.

CERTEAU Michel de, *Artes de fazer: a invenção do cotidiano*, Petrópolis, Vozes, 1996.

Comptes rendus hebdomadaires des séances et mémoires de la Société de Biologie et ses filiales. Paris, Mason et Cie., Éditeurs Libraires de l'Académie de Médecine, 1923-1939.

GUIMARÃES Lucia Maria Paschoal, “Um olhar sobre o continente: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Congresso Internacional de História da América”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 20, 1997

JOLL James, *A Europa desde 1870*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

Livro de ouro comemorativo do centenário da Independência do Brasil e da Exposição Internacional do Rio de Janeiro. 1822-1922, Edição do Anuario do Brasil, Rio de Janeiro, 1923

LÖWY Ilana, “La mission de l'Institut Pasteur à Rio de Janeiro: 1901-1905”, in MORANGE M. (éditeur), *L'Institut Pasteur: contribution à son histoire*, Paris, La Découverte, 1991.

MARTINENCHE Ernest, “L'action du Groupement pendant les années 1921 et 1922”, *Revue de l'Amérique Latine*, vol. VII, n. 26, février 1924.

MARTINIÈRE Guy, *Aspects de la coopération franco-brésilienne. Transplantation culturelle et stratégie de la modernité*. Grenoble/Paris, Presses Universitaires de Grenoble/Ed. de la Maison des Sciences de l'homme, 1982.

MARTINS Thales, “Os irmãos Ozório e a evolução da Physiologia no Brasil”, in *Livro de Homenagem aos professores Alvaro e Miguel Ozorio de Almeida*. Rio de Janeiro, 1939.

MAYER Arno, *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

MOTTA Marly Silva da, *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência*, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getulio Vargas, 1992.

OPINEL A. & GACHELIN Gabriel, “Emile Brumpt's contribution to the characterization of parasitic diseases in Brazil, 1909-1914”, *Parassitologia*, 47: 299-307, 2005.

PETITJEAN Patrick, “Entre ciência e diplomacia: a organização da influência científica francesa na América Latina, 1900-1940”, in HAMBURGER, Amélia et alli. *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*, São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996.

Revue Sud-Américaine de Médecine et de chirurgie, Masson & Cie, Editeurs, Libraires de l'Académie de Médecine, Paris, 1930-1934.

SÁ Magali Romero & SILVA André F. Cândido, “Por entre las páginas del imperialismo germánico en América Latina : La Revista Médica de Hamburgo y La Revista Médica germano-Ibero-Americana (1920-1933)”, 2007, no prelo.

SIRINELLI Jean-François, “As elites culturais”, in RIOUX, Jean Pierre, SIRINELLI, Jean François, *Para uma história cultural*, Editorial Estampa, 1998.

SUPPO Hugo, *La politique culturelle française au Brésil entre les années 1920-1950*, Thèse de doctorat, Université Paris III-Sorbonne Nouvelle, 2000.

TENORIO Mauricio, “Um Cuauhtémoc carioca: comemorando o centenário da Independência do Brasil e a raça cósmica”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994, pp. 123-148.